

Memórias

da terra, das águas e dos povos

Índice

AS PRIMEIRAS REFERÊNCIAS À ARQUEOLOGIA DE ALVALADE: de finais do século XVIII a meados do século XX MANUELA DE DEUS, JOSÉ MATIAS E FERNANDA DO VALE	11
DA ORIGEM DA TERRA À OCUPAÇÃO HUMANA: uma história geológica em Alvalade, Santiago do Cacém CARLOS MARQUES DA SILVA E ANA MARIA COSTA	23
O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA GASPEIA E O TERRITÓRIO NEOLÍTICO DE ALVALADE JOAQUINA SOARES E CARLOS TAVARES DA SILVA	37
”GUERREIROS DO BRONZE”: a Idade do Bronze nas planuras do Sado MIGUEL SERRA	77
A REGIÃO DE ALVALADE DO SADO: entre o sul da <i>Lusitania</i> e o Mediterrâneo romano JOSÉ CARLOS QUARESMA E RODRIGO BANHA DA SILVA	91
HERDADE DA DEFESA 3. Um sítio romano em Alvalade Sado CATARINA ALVES	113
ANÁLISE ZOOARQUEOLÓGICA DO MATERIAL FAUNÍSTICO DO SÍTIO ROMANO DA HERDADE DA DEFESA 3 PEDRO VALENTE FERNANDES	125
EPIGRAFES ROMANAS DE ALVALADE-SADO JOSÉ D' ENCARNAÇÃO	131
A REGIÃO DE ALVALADE DO SADO NO PERÍODO VISIGÓTICO (entre 409 a 711 d.C.) JOSÉ CARLOS QUARESMA E RODRIGO BANHA DA SILVA	155
(RE)CONQUISTAS: Alvalade entre as origens medievais e as revoltas liberais (séculos XIII-XIX) MILTON PEDRO DIAS PACHECO	167
CUIDAR DO CORPO, CUIDAR DA ALMA: Do ”Complexo Assistencial” do Espírito Santo à Igreja da Misericórdia de Alvalade JOSÉ ANTÓNIO FALCÃO	193
A ASSISTÊNCIA NA ÚLTIMA MORADA: Os enterramentos na Igreja da Misericórdia de Alvalade SOFIA TERESO E RUI FRAGOSO	225

EPÍGRAFES ROMANAS DE ALVALADE-SADO

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO¹

Sob orientação de Manuel Rosivelt Santos Barreto e Clementino Amaro, foi realizada, em 1979, uma intervenção arqueológica na *villa* romana de Conqueiros, sita no termo da freguesia de Alvalade.

Apresentaram os referidos arqueólogos, sobre essa atividade, a comunicação «A *villa* de Conqueiros e seu enquadramento arqueológico» ao IV Congresso Nacional de Arqueologia, realizado em Faro, no ano de 1980. Não foram publicadas as atas desse congresso e os autores da comunicação não tiveram hipótese de diligenciar no sentido de o seu texto vir a ser dado a conhecer. Contudo, em 2009, Jorge Feio retomou o processo e deu conta dos materiais achados na *villa*, que já se encontrara bastante destruída pelos trabalhos agrícolas; aliás, a intervenção de 1979 fora determinada por o terreno estar a ser preparado para o plantio de arroz. Logrou-se identificar a necrópole da *villa*, local para onde, seguramente, foram pensadas as únicas três epígrafes daí provenientes.

Houve ensejo, em 1984, de apresentar o estudo epigráfico dos monumentos 1 e 3, com base nos dados fornecidos pelos referidos arqueólogos, a que se juntou o 2, de que na altura se tomou conhecimento. Não se teve, porém, hipótese de os observar de *visu*, por se desconhecer o seu paradeiro.

Tendo-me deslocado a Santiago do Cacém a 9 de abril de 1992, a convite da Dra. Filomena Barata, observei no Clube de Património da Escola Básica Professor Arménio Lança dois dos monumentos (1 e 3), assim como o nº 2 na Casa do Povo de Alvalade. Foi, assim, possível corrigir as leituras feitas.

Apenas uma das epígrafes (a nº 1) está completa – e a ela, portanto, se tem dado o merecido relevo; as outras duas, também elas seguramente funerárias, estão bastante danificadas, de modo que não permitem o que, para nós, seria deveras aliciante: saber de nossos antepassados!

É esse, na verdade, o aliciante maior dos estudos epigráficos: a interpretação dos letrados permite-nos conhecer nomes de alguns dos romanos que por aqui viveram, as crenças que tinham e, até, as preocupações do dia a dia! A inscrição, dado o seu caráter sintético (inclusive por

razões económicas e de espaço disponível), apresenta-se, em todos os tempos, como o resultado de uma reflexão:

– Que vamos selecionar como palavras para melhor exprimirmos a ideia que queremos transmitir aos vindouros?

– Importa que fique bem claro quem fomos, que estatuto tivemos.

Apenas uma das epígrafes da *villa* de Conqueiros nos chegou em condições de nos oferecer respostas; das outras duas, uma letra aqui, outra acolá, o tempo acabou por destruir informações e... será que algo se poderá ainda lobrigar?

É o que vamos ver.

1. A ESTELA DE BROCCINA

Dá-se o nome de estela a uma placa esguia, destinada a ser colocada na vertical, porventura à cabeceira do sepulcro. Neste caso, termina superiormente em triângulo. De xisto com pátina acinzentada, seguramente extraído de alguns dos filões xistosos próximos, tem as arestas laterais direitas e o espaço dianteiro, destinado a receber a inscrição, foi alisado e a relha do arado, ao passar, danificou-o um pouco.

Mede 68,7 cm de altura, 44 cm de largura e apenas 8 cm de espessura.

A inscrição é como segue:

MV IA · BROCCINA
ARCONIS · F · A · XXXV
H · S · · S · T · T · L ·

Note-se que os pontos estão a meio das linhas; é importante verificar essa posição mediana, justamente porque se trata de bom indício para garantir que estamos perante uma inscrição autêntica, da época romana. Serviam para separar palavras.

Há, na primeira linha, entre o V e o I, espaço para uma letra, que não se distingue já; importa pensar em propor a sua reconstituição.

Também na linha 2, a segunda e a quarta letras não estão completas; aí, contudo, a palavra é conhecida e não oferece dúvida o que lá foi gravado: do R temos a barra vertical e resíduos da curvatura superior; do O, mau grado o sulco da relha, resta a metade da direita. No final dessa 2ª linha, somos levados a pensar, de imediato, mesmo sem termos estudado, que XXXV nada mais pode ser do que um número: 35. E que quererá dizer esse número? Uma data? Difícil seria pensar nisso. Então que pode ser? Veja-se a letra que está atrás: A! A sigla da palavra latina que designa 'anos'. Ou seja, a defunta tem 35 anos! E já vamos explicar por que se escreve «tem» e não «teve».

Na linha 3, só siglas! Tal como hoje, se são usadas, é porque se conhece bem o seu significado. Daí igualmente a circunstância de nos ser possível, sem margem para erro, reconstituir a terceira sigla que falta, porque estamos perante uma fórmula funerária bem conhecida e deveras usual.



Antes, porém, de passarmos à leitura reconstituída – mediante o desdobramento de siglas – há que raciocinar: como vai completar-se a primeira palavra? De facto, apesar de parcialmente destruída pelo arado, a primeira letra – M – não oferece dúvidas, porque se vê a parte final da última perna; o V está completo e esguiamente gravado. A letra seguinte desapareceu por completo com o rasgo do arado ou charrua; ora, entre duas vogais – V e I – o normal é pensar-se numa consoante; e, olhando mesmo para essa linha, o N que se vê quase no final adequa-se bem ao espaço disponível; opta-se, então, pelo N e já vamos colher outros dados que nos habilitem a dar

mais fundamento a essa opção. Não podemos, todavia, abandonar essa linha sem admirar a elegância do A, bem simétrico e aparentemente sem travessão; a firmeza com que se riscou a haste vertical do B, de pança inferior maior que a de cima; a delicadeza do R; o O oblongo; o C apertado e com mui graciosa serifa no vértice inferior; e a necessidade que o canteiro teve de apertar os caracteres para que a palavra ficasse toda nessa linha (ao A falta-lhe a metade superior, fugida no lascamento). No conjunto, essa primeira linha mostra – na regularidade do traçado dos caracteres, na perfeição dos pontos de distinção (não hesitou mesmo em pôr um no final, onde já não era preciso, mas para embelezar o conjunto) – um artífice assaz cuidadoso e experiente no seu ofício; apostaríamos que usou inclusive de prévias linhas auxiliares para fazer a inserção das letras, preferindo a utilização da metade superior da estela, a fim de permitir a leitura sensivelmente à altura dos olhos humanos! De resto, há um outro pormenor não despidendo: as letras da linha 1 medem 5,5 cm, as da linha 2 entre 4.8 cm e 4,2 cm e as da linha 3 esses 4,2 cm, a denotar um invulgar cuidado em prevenir (porventura inconscientemente) os efeitos da perspetiva!

Falta-nos analisar a 3ª linha: reconstituiu-se a letra E – totalmente delida por ação da relha – porque faz parte da fórmula final consagrada e, com atenção, consegue-se discernir, ténue, a barra horizontal inferior.

Tempo é, por conseguinte, de apresentarmos a leitura reconstituída de que atrás se falava:

MV[N]IA · BROcina / ARCONIS · F(ilia) ·
A(nnorum) · XXXV (quinque et triginta) / H(ic)
· S(ita) · [E(st)] · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(evis) ·

O que pode traduzir-se assim:

Aqui jaz Múnia Brocina, filha de Arcão, de 35 anos. Que a terra te seja leve!

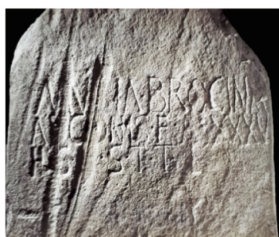
Atentar-se-á, em primeiro lugar, no uso do presente: «aqui jaz». O defunto está ali e podemos falar com ele! Por isso, a saudação vem na 2ª pessoa: «te seja leve!». Um diálogo que acentua essa presença e que detém, por outro lado, uma função de esconjuro, diríamos! É que, desta sorte, mediante uma conversa amiga, se afastam receios de maus espíritos e tudo se torna normal!

Depois, há outro pormenor: Brocina 'tem' 35 anos. Não se dá a entender que morreu «aos 35 anos», não! Ela está ali com essa idade, porque o tempo para ela parou e nós, os transeuntes, imaginamo-la assim. Teria mesmo 35 anos?

– poder-se-ia perguntar. Quiçá não, porque, nessa altura, não haveria registos precisos das datas de nascimento e cedo se introduziu o hábito de arredondar o número dos anos por lustros, eco, porventura, dos censos que se realizavam de cinco em cinco anos. Aliás, no nosso quotidiano, quando não sabemos a idade de uma pessoa não dizemos «aí dos seus 20 – 25 anos», por exemplo? Neste caso, Brocina ainda não atingira a idade da plenitude, os 40, mas andava perto... e sentimos pesar por haver falecido ainda relativamente jovem (segundo os nossos cânones atuais...).

Em terceiro lugar, o aspeto, afinal, mais importante: quem foi Múnia Brocina? Para responder à questão, importa verificar como é que se identifica, porque – tal como na atualidade – o modo de identificação pode ser indício de estatuto e, até, de origem! Tem dois nomes: *Munia* é o nome de família, *Brocina* o seu nome – e acentuou-se o possessivo para salientar que esse constitui, na verdade, a sua identificação própria, no seio do agregado familiar. E, consultando os *corpora* de inscrições disponíveis (nomeadamente EDCS: <http://www.manfredclaus.de/gb/>), torna-se possível afirmar que esse nome latino, *Munius* (por vezes grafado com dois nn), tem bastantes testemunhos na África Proconsular, na Península Itálica e também em Roma, onde identifica libertos; quanto à Hispânia, não atinge a dezena o número de casos registados até ao momento. No que concerne a *Brocina* – nome que tem um significado concreto, «a de dentes salientes» – encontramos-lo a identificar uma *Appuleia M(arci) f(ilia) Brocina* em Zafra (na *Baetica* romana) e, mais perto de Alvalade, em Panóias de Ourique: *Iulia Mermandi f(ilia) Brocina* (IRCP 127); em Narona, na Dalmácia, uma sacerdotisa da divina Augusta vem identificada como *Papia L(ucii) f(ilia) Brocchina*, numa inscrição datável de meados do século I da nossa era (EDCS-30600565). Aqui, em Alvalade, como em Panóias, o nome do pai (Arco) filia-se na onomástica pré-romana. Esse, o motivo porque se pôde afirmar estarmos em presença de uma das «primeiras indígenas romanizadas do *ager Mirobrigensis*».

Uma estela notável – que bem merece, por conseguinte, o destaque que se lhe dá no museu.



2. IRCP 161

Estela de grauvaque e forma aproximadamente retangular, muito danificada porém, mede 82,2 x 43 x 10 cm, e o tamanho das letras oscila entre os 4,5 e os 5 cm. Se, na estela de Brocina, apenas se adivinhava a presença prévia de linhas de pauta, aqui essas linhas acabam por assumir também uma função decorativa, ainda que o lapicida somente se tenha guiado por elas, mas não lhes haja obedecido por completo, até para evitar que o traçado dos caracteres com elas se confundisse. Mas terá sido igualmente uma epígrafe cuidadosamente gravada, com pontuação circular; as letras denunciam, contudo, um desenho feito 'à mão levantada', como sói dizer-se, sem utilização de régua ou esquadro: vejam-se o V, o A de vértice arredondado, o H largo, o S levemente inclinado para diante...

Consegue ler-se:

COL
LVCIL
F · AN · X
H S E ·

O F da linha 3 denuncia que está antes a identificação do pai do(a) defunto(a). De seguida, a idade, de que somente se vê X. Na última linha, a habitual fórmula *H(ic) S(itus, -a) E(st)*, «aqui jaz».

Aguçada, portanto, a curiosidade: como se poderia chamar o defunto?

Recorrendo às listas de antropónimos possíveis e atendendo também ao facto de estarmos numa zona em que a estela foi utilizada logo nos primeiros tempos da permanência romana, a indiciar, como se disse, essa interpenetração cultural entre indígenas e romanos de nome latino, ousar-se-ia propor a identificação *Columba Lucilli f(ilia)*. *Columba*, na grafia com o (*Colomba*), regista-se em Terena, Alandroal (IRCP 455a). A circunstância de, tanto aí como na inscrição de Madrigalejo (HEpOL nº 1781), ser o cognome de uma *Iulia*, confirma o seu uso logo nos primórdios da época romana na Hispânia.

Propor-se-ia, conseqüentemente, a seguinte interpretação:

COL[VMBA?] / LVCIL[LI?] / F(ilia) ·
AN(*norum*) · X[...?] / H(ic) S(ita) E(st) ·

Aqui jaz Columba, filha de Lucilo, de ... anos.



3. IRCP 173

Muito mais deteriorada se encontra a terceira estela, de que apenas subsiste parte mínima do campo epigráfico, alisado e seguramente alvo de cuidadoso tratamento como as duas estelas anteriores. É de xisto graváquico, com pátina acinzentada. Mede 73 x 36 x 14 cm.

Na 2ª linha, depois de um ponto circular, lê-se F, de ducto ligeiramente inclinado para diante – seguramente a indicação de que estaria antes o nome do pai do(a) defunto(a). Na 3ª linha, V está seguida de duas cruces ou sinais de mais e de um traço vertical. Não fora o V, essas cruces poder-se-iam interpretar como XX, a indicar a idade (XXI?); mas a presença do V não admite essa hipótese. Na 4ª linha, L · (em módulo mais pequeno) sugere que teria havido a fórmula presente na estela de Brocina: *H(ic) · S(ita) · E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(evis)*.

4. CONCLUSÃO

Três epígrafes, das quais apenas uma completa e outra de possível reconstituição, não representam o mundo que, no tempo dos Romanos, envolveria a cidade de *Mirobriga*, o chamado *ager Mirobrigensis*.

Não se estará, no entanto, mui longe da verdade se se conjecturar ter aí acontecido como nas demais cidades deste Sudoeste da Lusitânia: instalaram-se na cidade as famílias mais importantes, porventura os colonos ou os imediatos descendentes deles; pelo respetivo *ager* se viram nascer as *villae*, destinadas à produção agropecuária, onde os nativos depressa se mesclaram – digamos assim – com os urbanos, ainda que mantendo a natural proeminência resultante do facto de serem eles quem bem conhecia as virtualidades das terras e as suas específicas características climáticas. Tal aconteceu em *Pax Iulia*, em *Liberalitas Iulia Eborae* e, também, em *Olisipo*, a *Felicitas Iulia*. No nosso caso, *Munia Brocina* pode constituir um bom exemplo: filha de um indígena, adotou uma onomástica que reflete hábitos urbanos e contactos com população vinda doutras paragens, como o atesta a circunstância de o seu nome de família apontar para gente estranha à Hispânia.

Segunda conclusão se impõe, em consequência desta: três aparentemente simples estelas, duas das quais bastante estropiadas, permitiram adiantar esclarecimentos acerca dessas remotas eras. O apelo resulta natural: a atenção de todos os habitantes no sentido de se salvaguardarem todas as pedras com letras que surjam, mesmo com poucas, porque nelas poderá estar latente uma informação a que doutra forma se não logrará aceder! É a preservação da nossa memória que está em causa!



¹ Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

BIBLIOGRAFIA

EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby: <http://www.manfredclauss.de/gb/>

ENCARNAÇÃO, José d', (1996) — Problemas em aberto na epigrafia mirobrigense, *Conimbriga*, XXXV, pp. 129-146.

FEIO, Jorge (2004) — A romanização em torno de Alvalade, algumas descobertas arqueológicas, in *Gentes e Culturas, Fre-*

guesia de Alvalade, Liga dos Amigos de Santo André, pp. 3-7.
FEIO, Jorge (2009) — A romanização em torno de Alvalade do Sado: novos dados, in *Actas do I Congresso de História do Alentejo Litoral*, Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes, pp 47-71.

HEpOL = versão *on line* de *Hispania Epigraphica*: <http://eda-bea.es/>

IRCP = ENCARNAÇÃO, José d' (1984, 2013) — *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis — Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra.